

# O Caminho de Santiago como *Primeiro Itinerário Cultural Europeu* e a peregrinação de mulheres santificadas na Europa medieval (Santa Isabel de Portugal e Santa Brígida da Suécia)

Maria Isabel  
Morán Cabanas\*

Um dos objectivos do chamado Conselho da Europa é promover um melhor conhecimento dos patrimónios culturais de cada povo, assim como provocar uma tomada de consciência dos bens comuns a fim de contribuir para o diálogo intercultural, para a compreensão mútua de ideias ligadas a umas determinadas vivências históricas e para a criação de um sentimento de pertença a uma identidade europeia que ultrapassa as fronteiras de cada país. Com efeito, um dos instrumentos utilizados pelo mencionado organismo foi o reconhecimento oficial dos Itinerários Culturais Europeus, uma marca de distinção que foi inaugurada precisamente pelo Caminho de Santiago em 1987. Dez anos mais tarde, criou-se o Instituto Europeu de Itinerários Culturais, instituição dedicada a acompanhar os promotores dos

Nada se extingue de todo e os tempos coexistem, como a Idade Média coexistiu (e com que força!) com a Renascença, no seio dela e para além dela, sem lhe impedir o caminho, antes dando-lhe uma vida, uma profundidade e uma diferencialidade que em nada a prejudicou. Os grandes lanços da História nunca desabrocham do nada e mantêm certa continuidade entre si.

Mário Martins (1984)

O desenvolvimento humano não é compreensível nem realizável sem o reconhecimento do papel da criação cultural, em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência. O que distingue o desenvolvimento e o atraso é a cultura, a qualidade, a exigência – numa palavra, a capacidade de aprender. Deixou de fazer sentido a oposição entre políticas públicas centradas no Património histórico, por contraponto à criação contemporânea. A complementaridade é óbvia e necessária. Basta olharmos os grandes marcos da presença humana ao longo do tempo para percebermos que há sempre uma simbiose de diversas influências, de diversas épocas, ligando Património material e imaterial, herança e criação.

Guilherme d'Oliveira Martins (2009)

\* Universidade de Santiago de Compostela.



itinerários escolhidos, a contribuir para o reconhecimento de novos projectos, a pôr em prática iniciativas em relação a este âmbito e a difundir informação acerca deste programa (DEOP 2000: 1007-1014).

Hoje chegam quase a quarenta os roteiros seleccionados e integrados nesta categoria: A Seda – o têxtil (1988); O Barroco (1988); Mozart (1990); Os Celtas (1990); Os Vikings e Normandos (1992); As Cidades Europeias dos Grandes Descobrimentos (1992); Os Fenícios (1994); Os Ciganos (1994); O Humanismo (1994); O Legado de Al-Andalus (1997); a Língua Castelhana e a sua Expansão pelo Mediterrâneo: o roteiro dos sefarditas (2002); etc. Concretamente no ano de 2007, o Conselho da Europa incluiu também nesta lista o roteiro de Dom Quixote, nascido na comemoração do IV Centenário da publicação desta obra literária de Miguel de Cervantes e a partir de uma rede europeia de colaboração formada através dos contactos de diversas universidades situadas em vários pontos do continente. A denominação de *Itinerário Cultural Europeu* implica sempre a existência de um percurso que abrange um ou vários países ou regiões, que se organiza em torno de certos temas de cariz histórico, artístico ou social e que se revela como europeu sob vários pontos de vista, quer devido ao seu traçado geográfico, quer pelo seu conteúdo, quer, ainda, pelo seu significado e as suas repercussões<sup>1</sup>.

A singularidade da peregrinação jacobea está definida, entre outros aspectos, pela sua antiguidade milenária, a sua vasta extensão, o seu protagonismo ao longo da história (nomeadamente medieval) e a sua extraordinária contribuição para o desenvolvimento das letras, das artes, das ciências e das técnicas. Na declaração oficial deste caminho transnacional como *Primeiro Itinerário Cultural Europeu* sublinharam-se o seu carácter simbólico no processo da construção europeia e o seu valor como um dos maiores espaços da memória colectiva do continente. Após diversas gestões, trâmites e trabalhos científicos – elaborou-se naquela altura o famoso mapa dos diversos caminhos a Santiago – no dia 23 de Outubro do mencionado ano tal distinção tornou-se efectiva, momento que é lembrado numa placa feita em granito que se colocou no centro da praça compostelana do Obradoiro.

<sup>1</sup> Na verdade, o desenvolvimento efectivo depende, em grande medida, das iniciativas concretas que sigam as autoridades nacionais, regionais ou locais, assim como das instituições privadas. Tenha-se em conta que a conciliação de turismo, cultura e descobrimento do património apresenta-se cada vez mais como uma das tendências de renovação das práticas turísticas. Uma nova abordagem, baseada nos valores culturais locais, ligadas a uma dimensão de identidade europeia diversificada, parece a base de uma demanda e oferta turística que tem capacidade para despertar um crescente êxito. Para mais informação neste sentido, veja-se [http://www.mediamweb.com/2005/ip/ver\\_arch.php?id=1787](http://www.mediamweb.com/2005/ip/ver_arch.php?id=1787), tal como foi capturada em 1 de Junho de 2009.

Por outro lado, devemos indicar que o presente texto se liga ao projecto "A obra de Mário Martins como estudo das inter-relações literárias e culturais no contexto ibérico / La obra de Mário Martins como estudio de las interrelaciones literarias y culturales en el contexto ibérico", financiado pela *Dirección General de Investigación Científica e Tecnológica [Plan Nacional I+D+I 2008-2011]*. Ref. FFI 2008-2011.

O mito do descobrimento do sepulcro do Apóstolo Santiago, filho de Zebedeu e irmão de João o Evangelista, modificou a face de um pequeno assentamento de origem romana no Noroeste da Península Ibérica que se tinha transformado em necrópole. Na verdade, acarretou uma enorme repercussão na história espiritual do continente que iria lavar um caminho para chegar à prezada relíquia. A aparição de tais restos, na primeira metade do século IX, vinha a ser o final lógico de uma tradição oral e escrita que, após a morte de Jesus Cristo, localizava o apóstolo em terras da antiga Hispânia. Aliás, a notícia coincidia com um momento político de particular importância para a consolidação do reino astur-galaico, em que se produziu esse encontro. Tendo sido expulsas as tropas muçulmanas do Norte da Península Ibérica, era necessário repovoar o território, assim como desenhar uma sólida rede de comunicações para a circulação de pessoas, mercadorias e ideologias. E progressivamente iria amadurecendo em Santiago de Compostela a criação de um centro religioso capaz de concorrer em celebridade com Roma ou Jerusalém.

Nos finais do século X e inícios do seguinte, Sancho III o Maior, rei de Navarra, esforçou-se em criar um sistema de infraestruturas a fim de proporcionar uma maior segurança aos peregrinos, tais como a construção das primeiras hospedarias e mosteiros, actividade que ao longo do tempo se verá apoiada pela Ordem de Cluny. Na verdade, o primeiro nome próprio de um peregrino de que ficou testemunho escrito procede da França. Trata-se de Gotescalco (ou Gotescalc), bispo de Le Puy-en-Vélay, que ali se deslocou no ano de 951, mas será no século seguinte que se experimentará o verdadeiro sucesso de tal fenómeno<sup>2</sup>. O Caminho Francês fixa-se por dois acessos procedentes de Canfranc e Roncesvalhes, que se unem em *Puente la Reina*, a qual deve o seu nome à ponte levantada para os peregrinos atravessarem o rio Arga. Desde aí, apenas um roteiro cruza o Norte da Península Ibérica até à sua etapa final na catedral compostelana. Neste sentido, outro dos promotores foi o bispo Diego Gelmírez, que conseguiu para Santiago a categoria de sede apostólica, com o mesmo *status* que Roma. E, sobretudo, será ele o responsável pela construção da catedral tal como a conhecemos hoje.

<sup>2</sup> Note-se que dizemos "nome próprio", pois a primeira referência de um peregrino que viaja a Compostela foi estabelecida pelo estudioso Klaus Herbers à volta de 930 e corresponde a um clérigo alemão que se deteve na abadia beneditina de Reichenau cujo nome se desconhece (HERBERS 1991: 401-487).

A partir daí podemos observar fases com algumas oscilações quanto a um maior ou menor número de peregrinos, mas durante toda a Idade Média estes foram muito elevados e procedentes de diversas partes da Europa, delineando através do tempo diferentes roteiros: Caminho Francês, Caminho do Norte, Via da Prata, Caminho Português, Caminho Inglês.... É concretamente o *Liber Sancti Jacobi* (ou *Codex Calixtinus*), compilação literária de meados do século XII, que contém o mais primitivo *Guia do Peregrino*, atribuído ao monge Aymerico Picaud, o qual fornece indicações sobre o itinerário e uma descrição da basílica de Santiago. Tenha-se em conta a importância que na Idade Média tem o conceito do *homo viator*, homem que caminha incansavelmente buscando o Paraíso e a vida eterna – de facto, Santo Agostinho põe esta ideia, junto com a de “peregrinus”, em contraposição com a de “possessor”, que designa o homem que já recebeu a sua recompensa no Céu:

“Santo Agostinho recorre às estruturas elementais da «peregrinatio christiana» no sentido da teologia de São Paulo e concretamente da ideia do povo peregrinante de Deus na carta aos Hebreus. Para Santo Agostinho a ideia de peregrinação tem um motivo exclusivamente teocêntrico, como expressão de uma obediência absoluta face a Deus, que criou o «viator» e cujo império se apresenta como a pátria verdadeira, meta de toda «peregrinatio». Por isso o «homo viator» deve andar neste mundo como no estrangeiro, deve assumir a pobreza, a insegurança, e a carga da «peregrinatio» para reconhecer em Deus a verdadeira riqueza.” (PLÖTZ 2002: 356)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> A tradução é nossa.

Nasce assim todo um imaginário e uma literatura à volta deste fenómeno criado em redor de Santiago, buscando interesses publicitários, tais como a atribuição ao imperador Carlos Magno de um “sonho” em que o próprio Apóstolo se identifica perante ele e pede-lhe que empreenda determinadas acções: que siga as estrelas com o seu exército até à Galiza e que visite a sua basílica e o seu sarcófago, liberando a sua terra das mãos dos muçulmanos e abrindo a via de peregrinação para as gentes devotas de todas as partes do mundo (DÍAZ Y DÍAZ 2000: 21-30). Tal relato aparece no chamado *Pseudo-Turpin* ou *Crónica de Turpin*, incluído também no mencio-

nado *Liber Sancti Jacobi*, mas muito divulgado também por toda a Europa como peça independente. Na verdade, épica e Caminho de Santiago aparecem ali unidos, introduzindo a ideia de cruzada – tão vigente na época medieval – num contexto essencialmente hagiográfico. De facto, a maioria das fontes de que bebe este livro quanto à sua temática e que lhe serviram como modelo foram os chamados cantares de gesta, tais como a *Chanson de Rolan* (LÓPEZ-MARTÍNEZ MORÁS 2000).

Na verdade, a lista de peregrinos famosos pelo seu *status* sociopolítico e/ou pelas suas façanhas, quer inventadas em prol de certos interesses, quer presumíveis, quer bem documentadas historicamente, é mesmo enorme e põe especialmente em relevo a universalidade do Caminho. Apenas para citar alguns dos inúmeros e curiosos casos, cabe lembrar a lenda da viagem de Guilherme de Aquitânia no século XII que, convertido por São Bernardo de Claraval, morre no mesmo dia que chegou a Compostela (Sexta-feira Santa), ficando enterado na catedral – ficção contraposta aos próprios factos. Foi o papa Calixto II (de nome Guido de Borgonha) que instaurou o Ano Santo Jacobeu, o qual teria de ser comemorado todos os anos em que 25 de Julho, festividade de Santiago, coincidissem com Domingo. Todos os peregrinos que visitassem o sepulcro do Apóstolo no percurso de um Ano Jacobeu ganhariam o Jubileu (indulgência plenária). Assim, tal instituição impulsionou em grande medida as peregrinações a Compostela durante a Idade Média. E nesse mesmo dia publicou-se, aliás, a bula *Omnipotentis dispositione*, pela qual todos os bispos de Compostela atingiriam a dignidade de arcebispos.

Pedro Abelardo, no século XII, explicava que *homo* é nome que inclui o *vir* e a *femina* como animais racionais. O famoso pensador insistia assim em que a primeira designação correspondia à espécie humana. Ao definirmos a História como o estudo da evolução do homem na sociedade, usamos a terminologia abelardiana:

“Quer dizer, que nessa evolução, estão implicados tanto os varões como as mulheres, e os resultados acumulados do seu estudo progressivo referem-se tanto a uns como a outros. Como se explica, então, a multiplicação recente de livros, artigos e reuniões

<sup>4</sup> A tradução é nossa.

<sup>5</sup> Neste sentido, permita-se-nos lembrar que há apenas alguns meses teve lugar, na cidade de Santiago de Compostela, o *Congresso Internacional Mulheres e Peregrinação na Galiza Medieval*, organizado pelo *Instituto Padre Sarmiento* e distribuído em várias secções temáticas: I. Mulher, Idade Média e Peregrinação; II. Mulher, Peregrinação e Terra Santa; III. Mulher, Peregrinação e Caminho de Santiago. Intervieram especialistas de diversas universidades e centros de estudo europeus, tais como M. Isabel Pérez de Tudela y Velasco, Carmen Pugliese, Elisa Ferreira Priegue, José Eduardo López Pereira, Esther Corral Díaz, Isabel de Riquer, M. Victoria Chico Picaza ou Dee Dyas. Entre os relatórios mais ligados ao tema que nos ocupa, figura "Isabel de Aragão, Rainha de Portugal, Santa e Peregrina", de José Augusto de Sotto Mayor Pizarro; "Mulher, Peregrinação e Arte no Caminho de Santiago", de Marta Cendón Fernández; e "Aristocracia, Mulher e Peregrinação a Santiago de Compostela", de Denisse Pericard-Mea – e, ainda, a última das sessões dedicou-se a debater acerca de certos projectos de investigação sobre as peregrinações na Europa. Entre bastantes outros trabalhos que vieram a lume em datas mais ou menos recentes, pode consultar-se também o já citado de Marta González Vázquez (1989) ou o de Félix Cariñanos San Millán a propósito do protagonismo feminino neste fenómeno sociorreligioso que tanto marcou a nossa história (2005: 39-45).

científicas encabeçados pela epígrafe da história da mulher? (...) É a mudança de posição que a mulher atravessa na sociedade presente que a levou a subir a esse novo miradouro, inclusive quando fixam a sua vista em épocas tão afastadas." (PORTELA 1989: 7)<sup>4</sup>

Tradicionalmente, os estudos da devoção em foco apresentavam-nos um estereótipo sobre o peregrino que percorria os caminhos: homem de meia idade, rosto barbado, sozinho, com largo chapéu sobre a cabeça, bordão e esportela. As informações sobre outros tipos abundam se pesquisarmos os dados que se registam na vasta bibliografia, mas quase sempre estes foram aludidos como casos secundários ou anedóticos, sem prestar atenção à sua importância dentro do contexto geral da peregrinação medieval (GONZÁLEZ VÁZQUEZ 1989: 11). E, até há poucos anos, também se trataram de forma marginal os dados – minoritários nos documentos e um pouco mais relevantes na literatura – acerca da mulher peregrina. Porém, hoje em dia observa-se uma vigorosa tendência para a inserção da mulher na área dos estudos medievais e, conseqüentemente, aumentaram os trabalhos de investigação que focam essa presença feminina no Caminho de Santiago sob vários pontos de vista, analisando as fontes em que aparecem, os motivos, as circunstâncias e os condicionamentos das suas viagens<sup>5</sup>.

Na verdade, quando se trata de nomes próprios de mulheres, lembradas à maneira de *exempla* e procedentes das mais diversas partes da Europa ao longo do período medieval, destaca-se nomeadamente a sua ligação com a nobreza e a monarquia. Algumas delas tornaram-se inclusive santas na história do cristianismo, tal como aconteceu com as personagens que aqui pretendemos tratar: Santa Isabel de Portugal e Santa Brígida da Suécia, que se deslocaram a Santiago de Compostela no século XIV (em 1325 e 1335 a primeira; em 1341 a segunda). Escolhemos ambas as figuras precisamente pela pertença a uma mesma época, pela sua dimensão europeísta, pela sua qualidade de interventoras em assuntos políticos de transcendência internacional e também pela auréola de mitificação/santificação que as envolve. As duas chegaram

de pontos afastados geograficamente, percorrendo caminhos diferentes e opostos no mapa do continente, o que contribui para enfatizar o carácter transfronteiriço desta peregrinação.

A rainha Isabel nasceu em 1271 na cidade de Saragoça, segundo nos informa a memorialística (mas resulta realmente duvidoso saber se nasceu aqui ou em Barcelona). Embora se saiba relativamente pouco da sua infância, a tradição apresenta-nos uma menina dotada já de profunda fé cristã, praticante do jejum e da oração. Quando faleceu Afonso III de Portugal, sucedeu-lhe o seu jovem filho D. Dinis. Pouco tempo depois, iniciaram-se as negociações para o seu matrimónio com a princesa Isabel, criança de apenas dez anos, o que supôs uma dura batalha diplomática, pois era disputada como noiva pelos herdeiros dos tronos da França e da Inglaterra. As crónicas e biografias de Isabel sublinham que, durante a sua vida em terras lusas, prosseguiu as suas obras de caridade, ajudando sempre os necessitados. Atribui-se-lhe também uma função reconciliadora pela sua intervenção em vários assuntos de governo. De facto, chegou a ceder parte dos seus direitos ao dote que lhe correspondia em favor da filha de D. Afonso, irmão de D. Dinis, apagando-se assim a tentativa de uma guerra civil. Também quando o infante D. Afonso, herdeiro do trono, sentiu a sua posição ameaçada pela atenção que o rei prestava ao seu filho bastardo, Afonso Sanches, a intermediação da rainha aliviou o conflito:

“A circunstância de Afonso Sanches permanecer na corte tornou a provocar o ressentimento de D. Afonso. De tal modo que em fins de 1323 e em princípios de 1324 reacendeu-se a guerra. Mal aconselhado D. Afonso partiu com os seus homens de armas em direcção a Lisboa. D. Dinis enviou-lhe mensageiros proibindo-o de prosseguir a marcha. As tropas em confronto situaram-se no Lumiar, onde se defrontaram com armas de arremesso que causaram numerosos mortos. Dominada pela dor a rainha cavalgou em uma mula e interpôs-se entre os dois exércitos. Alcançou o Infante D. Afonso e recriou-o pela quebra de submissão que fizera a seu pai em Leiria. De seguida dirigiu-se ao rei disposta a aplacar-lhe a ira. Então veio o Infante até junto do rei a implorar-lhe o seu perdão.” (MORENO 2002: 23)

Assim, perante estes e outros momentos particularmente difíceis, tornaram-se célebres os seus esforços pela consecução da paz. Faleceu D. Dinis em 1325, aos sessenta e três anos, após ter norteado toda a sua governação conforme uma orientação política que visava sobretudo a afirmação do poder régio. Com uma personalidade forte e determinada, inteligente e culto, poeta consumado, amante de mulheres e coberto também ele de uma auréola de mitificação, destaca-se como um dos monarcas que mais influenciou toda a história de Portugal (PIZARRO: 2008). Em Santarém, durante a sua doença, esteve acompanhado da rainha. Esta avisou o herdeiro, que se encontrava naquela altura em Leiria, e ele prontamente compareceu. D. Isabel participou no cortejo fúnebre e permaneceu durante algum tempo no mosteiro de Odivelas, onde o monarca foi sepultado por vontade expressa feita em vida (MORÁN CABANAS 2008: 167-180). Posteriormente, a monarca viúva retirou-se para o convento de Santa Clara de Coimbra, fundado em 1286 e reedificado por ela – mandou que se alargasse o espaço e se construísse uma nova igreja, erigindo ao lado um hospital destinado a assistir aos pobres.

Nomeadamente o *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, D. Isabel, e seus bons feitos e milagres*, conhecido vulgarmente como a “lenda primitiva” ou “relação”, contribui para glorificar o retrato moral da rainha, que nesse mesmo ano de 1325 também peregrinará ao sepulcro do Apóstolo Santiago. Considera-se um texto fundamental para o conhecimento da sua vida, escrito logo após a sua morte por alguém próximo à rainha, talvez por Frei Salvado Martins, bispo de Lamego, que foi seu confessor, ou uma das aias de Santa Clara – o original perdeu-se, mas conserva-se uma cópia quinhentista, manuscrita e iluminada, no Museu Machado de Castro, depositário de várias peças do tesouro desta figura<sup>6</sup>. Da viagem que fez a Compostela encontramos ali uma pormenorizada descrição, na qual se enumeram os ricos presentes que entregou ao Apóstolo (coroa, panos, pedraria, cálices, vestimenta...), causando a admiração de todos os presentes, que nunca viram uma oferta de tanto valor. Como compensação, o arcebispo ofereceu à rainha um precioso bordão e esportela, dois distintivos que a identificavam como romeira.

<sup>6</sup> É a primeira hagiografia composta inicialmente em português, tendo sido mais tarde vertida para o latim por Rodrigo Gomes, para o processo de canonização da rainha, e por António de Macedo, para as *Acta Sanctorum* dos Bolandistas, que compuseram uma nova narrativa. Para a caracterização da protagonista que ali se fornece concorrem a enumeração e demonstração das suas virtudes, assim como a presença de alguns motivos associados ao sobrenatural (sinais maravilhosos à nascença, a profecia do avô, a visão, o conhecimento da hora da morte ou as curas miraculosas que por sua “mercee” se realizaram), evidenciando-se o seu teor edificante. Observa-se, aliás, uma certa preocupação com a verdade histórica, que se confirma pela particular atenção aos dados genealógicos e espaço-temporais ou pela indicação das intervenções políticas da monarca (MARTINS 1986: 363-374 e MACHADO 1993: 417-418).

E, ainda dez anos depois, sentindo que a morte se aproximava, a soberana viúva quis voltar novamente a Compostela. Ora, nesta ocasião, conforme nos informa o cronista Rui de Pina, fez a viagem com a máxima discrição, como pessoa anónima e apenas preocupada pela salvação da alma: até pedindo esmolas aos fieis cristãos durante o caminho, com o seu bordão na mão e o fardel às costas (MORENO 2002: 25). Tomando tal bordão dirigiu-se a Estremoz, onde se encontrava seu filho, o rei de Portugal. Ao chegar àquelas terras apareceu-lhe um tumor debaixo de um braço e faleceu no dia 4 de Julho de 1336. O féretro foi transportado para Coimbra, sendo encerrado no sepulcro de pedra que ela tinha mandado construir.

Com efeito, o distintivo de peregrina figura na estátua jazente do túmulo primitivo, uma importante obra da arte tumular medieval portuguesa - a rainha está ali representada com o hábito de clarissa e com o bordão, tal como ela própria quis ser enterrada. Diga-se, aliás, que as primeiras manifestações do culto à Rainha Santa iniciaram-se logo após a sua morte: gente de todo o lado assistiu a essa trasladação dos seus restos do Alentejo até Coimbra, durante a qual começaram a circular os rumores de prodígios e milagres que formarão o mito isabelino (CIDRAES 1999-2001: 31-80). Precisamente essas primeiras narrativas curtas de milagres - entre os quais se destaca o chamado “milagre das rosas” -, irão fazer parte das “provas” para a canonização em 1625 pelo Papa Urbano VIII<sup>7</sup>.

A sueca Brígida Birgersdotter (ou Santa Brígida da Suécia) nasceu na província de Uppland, pertenceu a uma família aristocrática e também relacionada com a realeza. Tanto por esta condição quanto através do seu matrimónio com Ulf Gudmarsson, que se tornaria membro do Conselho do Reino, esteve ligada aos círculos políticos mais influentes na Suécia medieval. Sobre a sua vida e a sua obra *Revelações* dispõe-se de numerosa bibliografia em latim e noutros idiomas, aparecendo nos últimos anos alguns trabalhos editados na Galiza que abordam particularmente a sua peregrinação a Compostela e que escolhem esta viagem como símbolo da ligação

<sup>7</sup> Tal milagre foi originalmente atribuído à sua tia-avó Santa Isabel da Hungria. Provavelmente pelo facto de as duas rainhas possuírem o mesmo nome e fama de santas, a história passou também a fazer parte da auréola mítica que envolve a sobrinha: D. Isabel saiu do Castelo de Sabugal numa manhã de Inverno para distribuir pães aos mais pobres e, surpreendida pelo rei, este perguntou-lhe que levava no regaço. A rainha teria exclamado: “São rosas, Senhor!”. Desconfiado, D. Dinis insistiria: “Rosas, no Inverno?”. Ela mostrou então o que ali havia e apareceram rosas, ao invés dos pães que ocultara. Desconhece-se a época exacta do surgimento desta lenda na tradição portuguesa, pois não consta na biografia anónima sobre a rainha redigida em Trezentos, mas parece que circularia oralmente pelo país nas últimas décadas desse século. O mais antigo registo conhecido é um retábulo quatrocentista conservado no Museu Nacional de Arte da Catalunha. Quanto à escrita, depara-se com a primeira explicação na *Crónica dos Frades Menores de S. Francisco*, de Frei Marcos de Lisboa, bispo do Porto. No entanto, a tradição popular gerou inúmeras variantes: moedas de ouro que se transformam em rosas ou rosas que se transformam em ouro; e, a actualmente mais conhecida, do pão em flores (MARTINS 1986: 363-374 e MONTES 1999).

Do rol de milagres atribuídos depois da morte, anote-se apenas estes: a cura de uma religiosa de Celas, com as pernas tão doentes que não podia andar; fazer com que uma mulher quinquagenária pudesse amamentar; e, finalmente, a cura de uma grave doença de um cidadão de Évora, que beijou o seu caixão – são mais alguns elementos que serviram para explicar a devoção com que os fiéis a ela recorriam (MARQUES 2006: 258).

entre a Escandinávia e o Caminho de Santiago. Em modo de ilustração, repare-se nestas palavras com que Enrique Martínez Ruiz e Magdalena de Pazzis Pi Corrales apresentavam as Actas de sessões que tiveram lugar num encontro científico sobre as relações hispano-suecas na Idade Média, projectadas nas artes literárias e plásticas, preludiando “o europeísmo do nosso tempo”:

“O tema não poderia ser mais adequado para abordá-lo na cidade de Santiago, referência de uma Europa aberta e dinâmica que tem no Caminho do Apóstolo um dos seus elementos vertebradores. Com efeito, trata-se de um percurso pelo caminho jacobeu e a sua realidade histórica na época em que viveu Santa Brígida, a santa sueca por antonomásia, que como mais uma romeira peregrinou ao sepulcro de Santiago. Com a sua personalidade estamos perante um esclarecedor exemplo, um caso precoce, de um conhecimento que é propiciado pela corrente cultural mais poderosa da Europa daquele tempo e que culmina numa cidade que era das mais cosmopolitas de então, descansando sobre o mais universal dos valores da religião (...).

Por todas estas circunstâncias, entendemos que estas Actas serão sumamente valiosas para o leitor, não só pelas suas contribuições concretas, mas também por essa mensagem de confiança, colaboração e futuro que se depreende das suas páginas.” (2002: 342)<sup>8</sup>

<sup>8</sup> A tradução é nossa.

Tal como no caso da rainha de Portugal, os relatos memorialísticos já nos apresentam a infância de Brígida caracterizada pela devoção e caridade. Aliás, sublinham a perspicácia da suas críticas como conselheira na Corte do rei Magnus II e como mediadora de conflitos em que se viram implicadas as monarquias europeias (a Guerra dos Cem Anos, por exemplo) ou o Papado, empenhando-se directamente no regresso do Papa de Avignon a Roma. Assim, o seu percurso vital constitui uma amostra do papel desempenhado na Idade Média por mulheres que aconselharam, admoestaram e até ousaram recriminar as figuras que governavam os destinos dos reinos e mesmo do papado, apesar do preceito paulino *mulieres in ecclesia taceant* (recolhido em sucessivas codificações do direito canónico) (DÍAZ DE BUSTAMANTE 2002: 477).

Em torno do ano 1000, aquando se espalhou o cristianismo pelo Norte da Europa, assistiu-se ao sucesso das peregrinações dinamarquesas, norueguesas, islandesas e suecas. A partir dos santuários nacionais, foram-se estendendo além das suas fronteiras nos séculos posteriores, chegando a Compostela. Já o pai de Brígida tinha peregrinado a Santiago em 1321 e o mesmo tinha feito o seu avô, o seu bisavô e o seu trisavô. As biografias compostas sobre esta mulher sublinham a sua vontade de peregrinar à Galiza com o seu marido e vários parentes. E, embora quase não existam documentos que revelem pormenorizadamente qual foi o itinerário seguido em 1341, várias hipóteses se têm lançado sobre a sua passagem por certos lugares (ALMAZÁN 2000 e SUÁREZ OTERO 2002: 387-410). Entre os diversos efeitos maravilhosos que se atribuem a tal viagem e às visões da santa na catedral galega, cabe destacar o êxtase experimentado por um monge cisterciense que a acompanhava, o qual viu uma imagem de Brígida coroada que lhe profetizava a sua salvação:

“A visita que Brígida realizou a Compostela causou um grande impacto na vida da santa. Entre os seus acompanhantes figurava um monge cisterciense chamado Svennung, que mais tarde seria nomeado superior da abadia de Varnhem. Enquanto estava em Compostela caiu doente e, durante o êxtase, teve uma visão e viu Brígida «como coroada de sete coroas, e o sol escureceu». Espantado, ouviu uma voz forte que dizia claramente: «este sol escurecido significa o príncipe do reino de Suécia que brilha como o sol, mas sofrerá o desprezo e a mofa dos homens, e esta mulher, Brígida, leva a estrela septiforme da graça de Deus. Esta é a prova de que sararás desta doença e regressarás com os teus».” (ALMAZÁN 2002: 348)<sup>9</sup>

<sup>9</sup> A tradução é nossa.

Ao regressar à Suécia, este monge foi nomeado abade e adquiriu grande fama pelas suas virtudes. De facto, nesta mitificação se inspira um pintor anónimo de Quatrocentos para confeccionar o retábulo da igreja de Appuna, junto a Vadstena – pintura sobre madeira que está hoje no Museu da História de Estocolmo.

Quando Brígida e o seu séquito voltaram da Galiza, a saúde de Uff Gudmarsson piorou e, a fim de cumprir uma promessa feita, ingressou num mosteiro, onde morreu algum

tempo depois. Precisamente outra célebre visão foi a que teve a própria Brígida quando este se lhe apareceu, já falecido, no Purgatório. Mencionou à sua esposa vários comportamentos que lhe tinham sido de boa utilidade, sendo um deles “a abstinência que prometi durante a minha peregrinação a Santiago de Compostela, pois não bebi durante toda a viagem” (ALMAZÁN 2002: 350). Na verdade, a figura e obra de Brígida atingiram grande fama na Europa como agente de inúmeros milagres, particularmente na Suécia e na Itália. E, assim, os seus funerais causaram enorme expectativa, sendo os seus restos guardados como relíquias (lembre-se que é esta a época da “caça das relíquias”) no convento de Vadstena, pertencente à ordem que ela fundou (*Ordo Sancti Salvatoris*). De facto, o processo da sua canonização iniciou-se e culminou pouco tempo depois do seu falecimento em 1371, crescendo a sua mitificação – nem sempre isenta de críticas e censuras oficiais –, como religiosa, teóloga, mística, escritora, política e peregrina.

Tanto as viagens da Rainha Santa Isabel de Portugal como a realizada por Santa Brígida da Suécia, seguindo a tradição da sua família, contribuíram à maneira de *exempla* para a glorificação e difusão do culto a Santiago. Na documentação e nas numerosas lendas ligadas às biografias das duas figuras insiste-se nas marcas que deixou nelas a visita ao sepulcro do Apóstolo, o que é lembrado também através das manifestações artísticas de diversas épocas<sup>10</sup>. Ambas as personagens são emblemáticas do papel da peregrinação a Galiza ao longo de toda a Idade Média e na construção de uma história comum europeia. Com efeito, a segunda é conhecida como “a peregrina das peregrinações” e foi mesmo nomeada co-padroeira da Europa (GIOVETTI, 2005), junto com Edith Stein (1891-1942), filósofa – discípula da escola fenomenológica de Husserl – e judia de nascimento, e Santa Catarina de Sena (1347-1380).

Aliás, as duas converteram os seus respectivos espaços em centros de peregrinação: a cidade de Coimbra, onde se conserva o corpo de Santa Isabel, é lugar de culto religioso e popular, tendo a sua principal manifestação nas festas da Rainha Santa, que aí se celebram de dois em dois anos; e, por

<sup>10</sup> Lembre-se que na versão inglesa desta comunicação apresentada na *International Conference Ideas of Europe/Ideas for Europe* prestou-se já uma maior atenção à dimensão artística dos mitos de Santa Isabel de Aragão ou de Portugal e Santa Brígida da Suécia, com referências aos âmbitos da pintura, xilogravura, escultura e arquitectura.

sua vez, Vadstena constitui um dos principais pontos de peregrinação de toda a Escandinávia. Diga-se, por fim, que as suas respectivas formas de viver e agir acabam por ilustrar bem as palavras de Ramón Pinheiro, intelectual e político da Galiza contemporânea (LÓPEZ VÁZQUEZ 2003: 43-76), que na sua tentativa de interpretar a filosofia da saudade galego-portuguesa ao longo de vários ensaios compara esta ao predomínio sentimental das terras nórdicas e à sua tendência para a interiorização individual.

## Referências bibliográficas

- ALMAZÁN, Vicente (2000): *Santa Brígida de Suecia: peregrina, política, mística, escritora*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- ALMAZÁN, Vicente (2002): “Santa Brígida en el Camino de Santiago”, in Enrique Martínez Ruiz e Magdalena de Pazzis Pi Corrales (eds.): *El mundo escandinavo, Santa Brígida y el Camino de Santiago*. Santiago de Compostela: Fundación Berndt Wistedt/Universidade de Santiago de Compostela, 343-352.
- CARIÑANOS SAN MILLÁN, Félix (2005): “La mujer en el Camino de Santiago”, in *Fayuela. Revista de Estudios Calceatenses*, I, 39-45.
- CIDRAES, Maria de Lourdes (1999-2001): “O mito da Rainha Santa – uma tradição popular e religiosa”. *Revista Lusitana* (Nova série), 19-21, 31-80.
- DEOP, Xabier (2000): “El programa *Itinerarios Culturales Europeos* del Consejo de Europa”, in Enrique Banús e Elío Beatriz (coords.): *Actas del V Congreso “Cultura Europea”*. Cizur Menor: Aranzadi, 1007-1014.
- DÍAZ DE BUSTAMANTE, José Manuel (2002): “Brígida de Suecia y las actitudes ante la literatura femenina de su época”, in Enrique Martínez Ruiz e Magdalena de Pazzis Pi Corrales (eds.): *El mundo escandinavo, Santa Brígida y el Camino de Santiago*. Santiago de Compostela: Fundación Berndt Wistedt/Universidade de Santiago de Compostela, 477-490.
- DÍAZ Y DÍAZ, Manuel Cecilio (2000): “El peregrino en las fuentes compostelanas. Su tratamiento”, in *Santiago de Compostela: Ciudad y Peregrino. Actas del V Congreso Internacional de Estudios Jacobeos*, Santiago, Xunta de Galicia, 21-30.

- GIOVETTI, Paola (2005): *Brígida de Suecia: patrona de Europa*. Madrid: Palabra.
- GONZÁLEZ VÁZQUEZ, Marta (1989): *Las mujeres en la Edad Media y el Camino de Santiago*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- HERBERS, Klaus (1991): "El Primer peregrino ultrapirenaico a Compostela a comienzos del siglo X y las relaciones de la monarquía asturiana con Alemania del Sur". *Compostellanum*, 26, 3-4, 401-487.
- LÓPEZ-MARTÍNEZ MORÁS, Santiago (2000): *Épica y Camino de Santiago: En torno al Pseudo-Turpín*. Sada: Castro.
- LÓPEZ VÁZQUEZ, Ramón (2003): "Para unha sistemática de Ramón Piñeiro". *Cadernos Ramón Piñeiro (Cadernos galego de pensamento e cultura)*, I, 43-76.
- MACHADO, Ana Maria (1993): "Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal", in Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani (orgs.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 417-418.
- MARQUES, José (2006): "Os Santos dos Caminhos Portugueses", in *Revista da Faculdade de Letras. História*. III Série, 7, 243-262.
- MARTÍNEZ RUIZ, Enrique e PI CORRALES, Magdalena de Pazzis (2002): "Introducción", in Enrique Martínez Ruiz e Magdalena de Pazzis Pi Corrales (eds.): *El mundo escandinavo, Santa Brígida y el Camino de Santiago*. Santiago de Compostela: Fundación Berndt Wistedt/ Universidade de Santiago de Compostela, 341-342.
- MARTINS, Guilherme d' Oliveira (2009): *Património, Herança e Memória – A cultura como criação*. Lisboa: Gradiva, 2009.
- MARTINS, Mário (1986): "Evocação de Santa Isabel de Portugal". *Brotéria*, 123, 363-374.
- MARTINS, Mário (1984): "Migração dos trópicos e ideias literárias". *Brotéria*, 118, 535-540.
- MONTES, Maria Isabel da Cruz (1999): *Vida e Milagres de D. Isabel Rainha de Portugal (Edição e Estudo)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1999 (Tese de Mestrado).
- MORÁN CABANAS, Maria Isabel (2008): "D. Dinis e o trovadorismo galego-português na poesia de Miguel Torga: essência e destino", in *Revista portuguesa de humanidades*, 12, n.º 2, 167-180.
- MORENO, Humberto Baquero (2002): "Santa Isabel, Rainha de Portugal, Peregrina a Santiago de Compostela", in Humberto Moreno Baquero (coord.): *Actas das Jornadas sobre o Caminho de Santiago. Portugal na memória dos peregrinos (29-30 Março 2001)*. Porto/Santiago de Compostela: Universidade Portucalense/Xunta de Galicia, 17-26.

- PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor (2008), *D. Dinis*. Rio de Mouro: Temas e Debates.
- PLÖTZ, Robert (2002): “A mentalidade do peregrino”, in Enrique Martínez Ruiz e Magdalena de Pazzi Pi Corrales (eds.): *El mundo escandinavo, Santa Brígida y el Camino de Santiago*. Santiago de Compostela: Fundación Berndt Wistedt/Universidade de Santiago de Compostela, 353-386.
- PORTELA, E. (1989): “Prólogo”, in Marta González Vázquez (1989): *Las mujeres en la Edad Media y el Camino de Santiago*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Programa de los Itinerarios Culturales del Consejo de Europa*, in [http://www.mediamweb.com/2005/ip/ver\\_arch.php?id=1787](http://www.mediamweb.com/2005/ip/ver_arch.php?id=1787), tal como foi capturada em 1 de Junho de 2009.
- SUÁREZ OTERO, José (2002): “Santa Brígida en Santiago: aproximación arqueológica de un hecho histórico”, in Enrique Martínez Ruiz e Magdalena de Pazzi Pi Corrales (eds.): *El mundo escandinavo, Santa Brígida y el Camino de Santiago*. Santiago de Compostela: Fundación Berndt Wistedt/Universidade de Santiago de Compostela, 387-410.